

## COVID 19 E A EXPLOSÃO DOS PEDIDOS DE SEGURO-DESEMPREGO NOS EUA. A “PONTA DO ICEBERG”?

Tomás Rigoletto<sup>1</sup>  
Denis Maracci Gimenez<sup>2</sup>

Em 14 de agosto de 1935, o *Social Security Act* foi assinado pelo Presidente F. D. Roosevelt. Entre outras iniciativas de proteção social, diante da mais dramática depressão econômica da história americana, até agora, a lei Incluiu o estabelecimento de um sistema de seguro-desemprego em todos os estados, instituindo diretrizes gerais para as leis estaduais. Roosevelt tomou tal iniciativa em 1935, com o desemprego em queda por força do *New Deal*, mas ainda com mais de 10 milhões de desempregados em uma força de trabalho de pouco mais de 53 milhões de trabalhadores. Em 1938, quando todas as leis estaduais estavam em vigor e os pagamentos de benefícios começaram na maioria deles, 20 milhões de trabalhadores já estavam cobertos pelo programa em nível nacional, quando o país ainda sofria brutalmente com uma taxa de desemprego próxima a 20% da força de trabalho<sup>3</sup>.

Em 29 de abril de 2020, o *Bureau of Economic Analysis* divulgou as primeiras estimativas do estrago que a crise econômica atual, da *Covid-19*, causou na economia norte-americana. Incertezas anteriores à pandemia quanto a solidez do desempenho da economia norte americana e do seu mercado de trabalho eram presentes. Todavia, as incertezas anteriores assumiram a forma de uma profunda crise, frente a uma forte disseminação do novo coronavírus, acelerada pela hesitação do governo norte americano em agir. As consequências mais visíveis dessa política de isolamento e paralisação, imprescindíveis para a contenção da epidemia, vale acrescentar, num país que apresenta grande fragilidade do sistema de saúde, foi uma queda brusca na demanda agregada, na medida em que os gastos (dos consumidores, famílias e pessoas) foram restringidos<sup>4</sup>.

Conforme as estimativas do *Bureau of Economic Analysis*, durante o ano de 2019, a economia norte-americana apresentou um desempenho moderado, com um crescimento de aproximadamente 2,3% do Produto Interno Bruto. Entretanto, o impacto da crise econômica provocada pela pandemia se mostrou intenso, na medida em que o primeiro trimestre de 2020 apresentou uma retração de -4,8% do PIB, em termos anualizados. Esse impacto pode ser verificado no consumo, por exemplo, que retraiu -7,6%, sendo que o consumo de bens duráveis foi o grande responsável por essa queda, com uma diminuição de -16,1% no primeiro trimestre de 2020. O investimento privado doméstico, por seu turno, teve uma retração de -5,6%, e a maior diminuição ocorreu para os investimentos privados em equipamentos, com uma diminuição de -15,2%. Com relação às transações externas, vale destacar a queda abrupta das exportações de serviços (-21,5%) e a forte diminuição das importações de serviços (-29,8%). O único componente do PIB que não apresentou uma retração foi o gasto governamental, que expandiu 0,7% no primeiro trimestre de 2020 (dados anualizados).

---

<sup>1</sup> Pesquisador do CESIT/IE/UNICAMP e doutorando do Programa de Desenvolvimento Econômico.

<sup>2</sup> Professor do Instituto de Economia da UNICAMP e pesquisador do CESIT/IE/UNICAMP.

<sup>3</sup> PRICE, Daniel N. “Unemployment Insurance, Then and Now, 1935-85”. *Social Security Bulletin*, October 1985/Vol. 48, No. 10. Sobre os dados de desemprego e força de trabalho ver LEBERG, Stanley. “Labor Force, Employment, and Unemployment, 1929-39: estimating methods” (Technical Note). *Monthly Labor Review*, July 1948.

<sup>4</sup> Ver Gross Domestic Product – First Quarter of 2020 (Advance estimate). Technical Note. Bureau of Economic Analysis – BEA. 29 de abril, 2020. Disponível em [https://www.bea.gov/system/files/2020-04/tech1q20\\_adv\\_3.pdf](https://www.bea.gov/system/files/2020-04/tech1q20_adv_3.pdf). Acessado em 29/04/2020.

**Tabela 1 - Evolução do Produto Interno Bruto dos EUA, por trimestre: 2019-2020**

Categoria	2019				2020
	1º Tri	2º Tri	3º Tri	4º Tri	1º Tri
<b>PIB</b>	3,1	2,0	2,1	2,1	-4,8
Consumo	1,1	4,6	3,2	1,8	-7,6
Bens	1,5	8,6	5,3	0,6	-1,3
Bens duráveis	0,3	13	8,1	2,8	-16,1
Bens não duráveis	2,2	6,5	3,9	-0,6	6,9
Serviços	1,0	2,8	2,2	2,4	-10,2
<b>Investimento privado</b>	6,2	-6,3	-1,0	-6,0	-5,6
Investimento fixo	3,2	-1,4	-0,8	-0,6	-2,6
Não residencial	4,4	-1,0	-2,3	-2,4	-8,6
Estruturas	4,0	-11,1	-9,9	-7,2	-9,7
Equipamento	-0,1	0,8	-3,8	-4,3	-15,2
Propriedade intelectual	10,8	3,6	4,7	2,8	0,4
Residencial	-1,0	-3,0	4,6	6,5	2,1
<b>Setor externo bens e serviços</b>	---	---	---	---	---
Exportações líquidas	4,1	-5,7	1	2,1	-8,7
Bens	4,6	-5,9	2,1	-0,6	-1,2
Serviços	3,3	-5,1	-1,3	7,2	-21,5
Importações líquidas	-1,5	0	1,8	-8,4	-15,3
Bens	-2,8	0,1	1,1	-11,4	-11,4
Serviços	4,5	-0,7	4,8	4,9	-29,8
<b>Gasto governamental</b>	2,9	4,8	1,7	2,5	0,7
Federal	2,2	8,3	3,3	3,4	1,7
Defesa nacional	7,7	3,3	2,2	4,4	0,8
Não defesa	-5,4	16,1	5	1,9	3,1
Estados e local	3,3	2,7	0,7	2	0,1

Fonte: Elaboração própria a partir de *Bureau of Economic Analysis*– BEA

Trata-se, é preciso ressaltar, não de uma crise qualquer, mas a mais profunda retração da economia americana desde os anos que levaram Roosevelt a criar o seguro desemprego. A economia norte-americana que registrou em dezembro de 2019, 126 meses consecutivos de expansão econômica, agora sofre o impacto de uma retração súbita, que afeta todos os setores<sup>5</sup>. O resultado do PIB no primeiro trimestre de 2020, cumpre salientar, foi pior do que as previsões iniciais, que estimavam uma retração de 3,5%<sup>6</sup>.

Desde 1980, é sabido que a sociedade norte-americana enfrenta problemas que se acumulam, tanto na economia, quanto no mercado de trabalho, como naquilo que se refere ao aumento da desigualdade social. Howell e Kalleberg, por exemplo, que acompanham a proliferação de trabalho mal pagos nos EUA, são autores investigam descrevem a deterioração no mercado de trabalho norte-americano na era da globalização. Definir a qualidade do emprego não é tarefa simples. John Schmitt e Janelle Jones, do *Center for Economic and Policy Research*, definiram um “bom” trabalho, modestamente, como aquele que atende três critérios: deve pagar pelo menos US \$ 18,50 por hora (o salário médio por hora do sexo masculino em 1979 ajustado para 2010), oferecer seguro de saúde e oferecer algum tipo de plano de aposentadoria. Dramaticamente, concluem que, em 2007, apenas 25,0% dos empregos pagavam pelo menos US\$ 18,50 por hora e ofereciam seguro de saúde e plano de

<sup>5</sup> SCHULZE, E. The coronavirus recession is unlike any economic downturn in U.S History. CNBC. 08 de abril de 2020. Disponível em <https://www.cnbc.com/world/?region=world>. Acessado em 29/04/2020.

<sup>6</sup> Ver COX, J. U.S GDP shrank 4,8% in the first quarter amid biggest contraction since the financial crisis. CNBC. 29 de abril de 2020. Disponível em <https://www.cnbc.com/2020/04/29/us-gdp-q1-2020-first-reading.html>.

aposentadoria<sup>7</sup>.

O relatório *State of Working America*, por seu turno, levanta outra questão importante: nos últimos 40 anos, os rendimentos salariais têm crescido num ritmo demasiadamente lento e desigual. Para mais, a fatia da renda do trabalho (“*labor share*”) da classe trabalhadora norte-americana tem caído sistematicamente. A despeito das baixas taxas de desemprego, o mercado de trabalho norte-americano tem sido alvo de uma lenta, porém constante, degradação ao longo dos últimos 40 anos. Ou seja, as taxas de desocupação não refletem as transformações mais profundas que corroem a segurança econômica dos trabalhadores norte-americanos.

O mercado de trabalho dos EUA, portanto, está sendo atingido pela crise da *Covid-19* após 40 anos de degradação da qualidade dos empregos, de estagnação dos salários, ampliação das desigualdades e deterioração das relações de trabalho. Os dados iniciais mostraram que, em março de 2020, houve o maior aumento mensal da taxa de desemprego desde janeiro de 1975. O número de novos desempregados aumentou 1,4 milhões em um único mês. Esses são os primeiros números da crise, coletados entre 8-14 de março. Trata-se, portanto, de números preliminares que indicam a gravidade e a extensão da crise que se projeta sobre a sociedade norte-americana. A pesquisa *Current Employment Statistics*, também sistematizada pelo *Bureau of Labor Statistics* (BLS), aponta uma diminuição de -701 mil empregos no setor não agrícola. Dois terços dessa diminuição do emprego no setor não agrícola, vale ressaltar, se deu no setor de lazer, hospedagem e entretenimento, especialmente nos serviços de alimentação e bebidas. Outros setores que registraram quedas significativas foram os setores de saúde e assistência social (-61 mil empregos), negócios e serviços profissionais (-52 mil empregos), comércio varejista (-46 mil empregos) e construção (-29mil) empregos<sup>8</sup>.

O avanço da crise econômica e seu impacto no mercado de trabalho norte americano pode ser visto de forma mais radical a partir de meados de março de 2020, com a explosão de pedidos de seguro desemprego.

**Tabela 2**  
**EUA - Novos pedidos de seguro desemprego<sup>1</sup>**

<b>Datas</b>	<b>Pedidos por semana (milhares)</b>	<b>% do total</b>
15/02/2020	211	0,7
22/02/2020	219	0,7
29/02/2020	215	0,7
07/03/2020	211	0,7
14/03/2020	282	0,9
21/03/2020	3,307	10,5
28/03/2020	6,867	21,8
04/04/2020	6,615	21,0
11/04/2020	5,237	16,7
18/04/2020	4,442	14,1
25/04/2020	3,839	12,2
<b>Total</b>	<b>31,4</b>	<b>100</b>

Fonte: U.S. Department of Labor

(1) Pedidos realizados nas semanas encerradas nas referidas datas.

<sup>7</sup> SCHMITT, John and JONE, Janelle. “Where Have All the Good Jobs Gone?” Center for Economic and Policy Research. Washington, D.C. July, 2012.

<sup>8</sup> The Employment Situation. News Release. Bureau of Labor Statistics. U.S Department of Labor. 03 de abril de 2020. Disponível em <https://www.bls.gov/news.release/pdf/empstat.pdf>. Acessado em 29/04/2020.

Dados mais recentes do Departamento do Trabalho dos EUA, mostram que a regularidade dos pedidos de proteção por força do desemprego vista entre 15 de fevereiro e 14 de março, com média pouco superior a 220 mil solicitações por semana (totalizando 1 milhão e 100 mil pedidos no período) foi brutalmente interrompida a partir da semana encerrada em 21 de março. A partir deste momento, nas semanas encerradas entre 21 de março e 25 de abril, a média semanal saltou para mais de 5 milhões de pedidos, totalizando ao final de 6 semanas mais de 30,3 milhões de solicitações de seguro desemprego no país. Os dados indicam que, inicialmente, os setores atingidos mais intensamente pela crise foram serviços alimentícios, entretenimento e hotelaria. A evolução dos pedidos passou a incorporar outros setores como varejo, manufatura, serviços corporativos e assistência médica não essencial<sup>9</sup>.

Uma questão importante sobre tamanha explosão de pedidos de seguro desemprego: ela seria apenas a “ponta do iceberg” da crise? Por que a questão? Desde sua criação, o seguro-desemprego nos EUA é um programa conjunto estadual-federal que oferece benefícios em dinheiro aos trabalhadores elegíveis. Assim, sujeito a regras próprias dos estados, geralmente são qualificados para recebimento do benefício aqueles desempregados involuntários, que atendam aos requisitos do seu estado em relação aos salários auferidos ou ao tempo trabalhado durante um período estabelecido, conhecido como “período base”. Na maioria dos estados, esse período, geralmente, são os quatro primeiros trimestres dos últimos cinco trimestres completos antes do momento em que sua reivindicação seja registrada<sup>10</sup>.

O que isso significa? Ter emprego regular durante quatro trimestres. Depois de décadas de regressão da estrutura ocupacional, da degradação das relações de trabalho, da proliferação de empregos pouco padronizados em termos de jornada, remuneração e contratação, uma parte importante da força de trabalho sequer tem condições de cumprir os requisitos do seguro desemprego. Podemos apenas mencionar os mais de 40 milhões de norte-americanos que, mergulhados na pobreza, dependem do *Foodstamp* (programa assistencial criado sob os efeitos da grande depressão dos anos 30), aqueles que estão morando nas ruas de Los Angeles, ainda a legião de desesperados que foram a falência pessoal por conta dos gastos com a saúde (antes da COVID-19)

Assim, podemos intuir que uma parte significativa dos vitimados pela crise não estão nos impactantes dados do seguro desemprego divulgados. Esses dados indicam um profundo impacto da crise no mercado de trabalho dos EUA, mas talvez não em sua totalidade. Espera-se dados mais completos do comportamento do emprego, desemprego e rendimentos no início de maio, com a divulgação do *Employment Situation* do Bureau of Labor Statistics.

De toda forma, os primeiros números da crise norte-americana demonstram, tendo em vista o que já está disponível, uma forte queda do emprego e brutal elevação do desemprego. Publicação recente da consultoria *Mckinsey & Co* estima que 57 milhões de empregos podem ser atingidos pela crise, incluindo demissões temporárias, redução de jornada e salários. Tal estimativa aponta para o fato de que os mais pobres e vulneráveis, menos escolarizados e com menores salários estão sendo atingidos mais rapidamente. Todavia, o estudo aponta que a crise caminha em direção aos empregos dos chamados “colarinhos brancos”, coração da combatida classe média americana<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> <https://www.dol.gov/sites/dolgov/files/OPA/newsreleases/ui-claims/20200774.pdf> Acessado em 30 de abril.

<sup>10</sup> U.S. Department of Labor. <https://www.dol.gov>

<sup>11</sup> <https://www.mckinsey.com/industries/public-sector/our-insights/covid-19-and-jobs-monitoring-the-us-impact-on-people-and-places>